QUEM É A HISTORIADORA RADICAL?

WHO IS HISTORIADORA RADICAL?

Entrevistada: Historiadora Radical[1]
Entrevistadora: Kleire Anny Pires de Souza[2]

Historiadora Radical é uma personagem, que, a partir da professora que está à frente do projeto, realiza cursos sobre história das mulheres em sua página do *Instagram*. O trabalho feito pela professora a frente desse projeto é um legítimo trabalho de história pública e ativismo. A historiadora radical é uma personagem criada por uma professora e pesquisadora. Além da página Historiadora Radical, possui também a página Lésbicas Antifascista que foca nas questões da lesbianidade. Lésbicas antifascistas segue a mesma ideia da página da Historiadora Radical, porém centrada nas discussões e foco na questão da lesbianidade.

A entrevista foi realizada pela historiadora e pesquisadora da temática de lesbianidade Kleire Anny Pires de Souza, que teve contato com a personagem através de sua página do *Instagram* e obteve rápida resposta e breve explicação. Essa entrevista compõem um projeto pessoal que busca construir um banco de dados com entrevistas de mulheres lésbicas do movimento de ativismo virtual. A ideia é demonstrar que mulheres lésbicas estão presentes na história, e não somente salvaguardadas em uma segmentação da história, sendo, como menciona a própria professora, "É as mulheres na história, e não história das mulheres". A entrevista foi feita de maneira *on-line*, no ano de 2022, gravada por áudio e transcrita, priorizando manter o dialeto utilizado pela entrevistada.

A Historiadora Radical é uma página no *Instagram*, que atualmente está na casa dos 10 mil seguidores, a proposta é ensinar mulheres a respeito da história das mulheres, o foco principal da dona do perfil é a promoção dos estudos e da memória de mulheres. A criadora menciona que a Historiadora Radical é uma persona construída por ela para se proteger das estruturas de poder e para que sua pessoa, enquanto indivíduo, não parta para a adoração e nem mesmo a vestimenta de *influencer* seja dada a ela. Parte-se da popularização e da

1 Historiadora Radical é uma personagem que, a partir da professora que está a frente do projeto, realiza cursos sobre história das mulheres em sua página do *Instagram* (https://www.instagram.com/historiadora.radical/). O trabalho feito pela professora a frente desse projeto, é um legítimo trabalho de história pública e ativismo. A historiadora radical também dialoga com a questões da lesbianidade, a partir de outra página chamada *Lésbicas antifascistas* (https://www.instagram.com/lesbicasantifascistas/), segue a mesma ideia da página da Historiadora Radical.

2 Mestranda no Programa de Pós Graduação em História, pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bolsista do Fomento Capes.

percepção da necessidade de abordar a lesbianidade dentro dos estudos sobre mulheres.

Criando um segundo perfil chamado Lésbicas Antifascistas, a Historiadora Radical que, de forma dupla, atua para estudar a memória lésbica e a história das mulheres. Isso posto, essa entrevista surgiu a partir da necessidade de entender essa persona e a produção de uma história pública, digital e ao mesmo tempo ativista. Localizando-se como um ativismo lesbofeminista, a página promove aulas, projetos, formação de vínculos, espaços de debates e outras análises, tudo de maneira digital, utilizando a plataforma do *Instagram*.

Destacamos também a escolha de transcrever essa entrevista com os vícios de linguagem, e até mesmo algo que a sociedade das normas considera "erros''. Ao tentar corrigi-los, transformaria o entrevistado em alguém que não é ele, tirando a autonomia de contar sua própria história. Sendo assim, é importante também destacar que, como essa entrevista não se trata de uma entrevista jornalística, opta-se também pela manifestação do direito de o entrevistado narrar sua própria história, de maneira livre, onde não há roteiros e, sim, as memórias que o próprio entrevistado escolhe compartilhar com a historiadora.

O respaldo dos perfis criados pela personagem da Historiadora tem como foco possuir relevância social, para compreender o local de uma mulher periférica e ativista, que se mobiliza através do apropriar-se das ferramentas digitais, construindo, assim, caminhos para a organização de um ciberativismo. Para além de puro ativismo, um espaço educador, que, por sua vez, torna-se também um espaço de renda. O público-alvo são as mulheres, porém a Historiadora destaca que todos aqueles que quiserem aprender são bem-vindos, mas sua exclusividade é para mulheres. Seus perfis contam com mais de 10 mil seguidores, sendo as mulheres as maiores interações.

A ideia do projeto é estar localizada entre a sociedade e essa acadêmica que foi cristalizada, distanciando a sociedade de seu debate. Com a página, busca-se traçar uma ponte, levando a universidade para a sociedade e a sociedade para a universidade. A educação é sua ferramenta de transformação, sua luta. Educar mulheres é seu projeto de futuro, sendo essa uma de suas principais contribuições para a sociedade.

Ser mulher e ser lésbica nos atravessa de formas complexas que não aparecem só em lapsos da nossa vida. Ser mulher nos é imposto a partir do nosso nascimento, e a lesbianidade vai muito além de construir-se, é entender-se. A ideia do projeto é no nível pedagógico, também inserido na lógica de uma história pública, com linguagem acessível. A personagem da professora busca explicar conteúdos relevantes para a história das mulheres e da lesbianidade.

A mulher lésbica é forjada durante sua vida toda. E não apenas no momento que conhece o ativismo. Pensar a história de vida de um sujeito social está além das balizas dos grandes eventos; pensar um sujeito é alocá-lo no tempo, nas estruturas e no seu próprio mundo social. É compreender os desdobramentos da temporalidade que o acompanham, é compreender suas motivações e enfrentamentos no mundo social. Por isso, o ativismo não

começa num dado evento, o ativismo é parte do sujeito. Ele passa a se mobilizar quando há o reconhecimento e isso gera revolta.

Assim, entender-se como uma mulher lésbica se manifesta no mundo social, é de extrema relevância, principalmente para compreender as dinâmicas de sua vida e sua relação com o tempo e a história. A introdução das complexibilidades do ativismo na vida de um sujeito altera e leva consigo toda uma trajetória, muitas vezes de esperança, porém principalmente de ódio e revolta.

Entrevistadora: Quem é a historiadora radical?

Historiadora Radical: a Historiadora Radical, né. Ela é uma personagem mesmo. (risos) Eu já percebi e estou aceitando essa ideia de que ela é uma personagem e falar de mim né, isso é muito interessante, falar de você, porque eu costumo dizer que quando a gente estuda mulheres, a gente tá se investigando também, né. Isso é muito complicado, porque por mais que a gente não tenha tanto a ver com a parte das mulheres ou da história das mulheres, de alguma forma aquilo bate na gente né, eu acho que isso tem a ver com a ideia delas, de alguma forma, estarem inseridas nas mesmas estruturas ou estruturas muito parecidas, né, do que a gente está vivendo.

Então, a falar de mim, é, eu acho que no sentido mais subjetivo ou talvez mais político, eu não sei, mas eu acho que como começa a historiadora radical, não é bem... É bom falar do lá do comecinho, talvez. Eu sempre fui ativista né, desde muito cedo assim, a minha mãe fala que dentro do útero dela já estava lá manifestando, e ela não espera, não esperava nada diferente assim. E essa piada é bem recorrente entre muitas pessoas que me conhecem desde lá de trás, né, porque eu era do movimento secundarista, tipo, do movimento estudantil, desde muito cedo que foi quando eu conheci o anarquismo, não, é, comecei a estudar o anarquismo e de forma teórica, de participar em grupo, e participar de manifestação de rua, né. Foi quando, eu que falo, me apaixonei por isso, é onde eu me sinto mais viva, assim, de você poder ver as pessoas se movimentando, né, de forma coletiva.

Então eu não comecei, né, estudando feminismo. Eu fiquei bastante tempo estudando anarquismo, muito tempo, aí eu comecei a, dentro do anarquismo, a gente estuda trabalho, e aí foi dentro desse contexto de trabalho que eu falei: "cara, mas e as mulheres?" né. Até porque a minha mãe é trabalhadora doméstica, e eu falei que preciso pesquisar sobre isso, porque ninguém está falando disso, né. E aí que eu comecei a pesquisar sobre isso de forma independente, até porque eu estava no ensino médio, não fazia sentido, por isso que aí eu comecei a pesquisar. E dentro do coletivo de estudante, a gente tinha uma folha estudantil, que eu era uma das escritoras, né, e eu falava só de mulheres, só de mulheres no trabalho de banheira da escola, porque aqui não tinha absorvente, coisas, assim, mínimas, que eu estava lá super funcionando. Até que teve uma eleição, que o Grêmio né, eu lembro muito

disso e eu era uma... muito né lisinho, assim, eu não tinha toda essa articulação, né, de poder falar em público eu não gostava de aparecer, odiava aparecer, estava nada a ver sabe, eu só quero ficar aqui atrás escrevendo. E, aí, teve o Grêmio montado no Grêmio estudantil, estava no terceiro ano do ensino médio, e aí eu escrevi uma... é, escrevi não para gente apresentar a nossa chapa, eu escrevi, tipo, sobre feminismo. E a diretoria da minha escola, ela era evangélica, e aí ela impugnou minha chapa, e foi uma coisa muito besta, assim. Aí foi quando eu me revoltei muito, eu falei "gente, como assim?". Eu estava fazendo tudo certinho, eu não aceitava aquilo de nenhuma forma, tipo, eu fiquei muito brava e alguns meses, para 1 mês e meio depois, a gente recebeu a notícia que a escola ia fechar no próximo ano letivo. Eu fiquei muito brava, gente, de ocupar a escola. Agora, porque eu estava muito envolvida com anarquismo, então, eu fui em várias escolas, assim, que tinha perto da minha escola no mesmo bairro praticamente, falar sobre isso, só que já tinha, já estava rolando um movimento de ações. E aí, como foi com a minha escola e os erros de cativa do Grêmio, de que a escola ia fechar, e não sei o quê..., e foi muito incrível. Daí eu entrei na universidade depois, né, eu falei "nossa, agora toda minha pesquisa vai ser sobre mulher", e é isso mesmo. Só que eu já tinha muita pesquisa independente, porque quando eu saí do movimento estudantil, eu também dei muitas entrevistas. Isso é muito engraçado, porque eu falo que eu não gosto de aparecer, só que se eu for pegar, tipo, as revistas que eu tenho na minha casa, as vezes que aparecia, eu sempre estou lá só com meu nome verdadeiro, né, que é meu nome de estudante de verdade.

E aí eu falei "nossa, gente, mas que bizarro, bizarro", até que, depois que eu entrei na universidade, eu ainda participava de manifestação de rua, eu sofria perseguição muito grande. Eu fiquei muito visível, assim, eu acho que por conta dos vídeos que tinha no YouTube. Quando foi alguns, sei lá, 2017, 2018, eu estava com uma amiga que tinha um blog, em pesquisa acadêmica, enfim, ela participava de algumas palestras, e, aí, a gente virou amiga e ela falou "vamos fazer uma live" eu falei "não, você tá louca". Tipo, uma live, nunca! E ela "não, por favor, vamos fazer uma live". Eu falava "não, as pessoas vão me ver, e eu quero que ninguém me veja". Aí ela "mas não faz sentido, você agora já tem um nome", eu falei "tá, eu vou pensar" e eu enrolei ela tipo um ano.

Aí eu entrei na Recuse a Clicar, né, e, aí, a gente começa... E é um assunto que eu me interessava muito, muito. Eu tinha muita pesquisa sobre aquilo, só que eu queria tornar aquela pesquisa pública para as mulheres, não só na universidade, né. Então eu falei "tá, eu vou entrar". Eu sempre migrei muito e muitos lugares, tipo, "ai, eu tenho uma pesquisa tal, eu posso entrar aqui e ficar algum tempo, eu ajudo vocês depois eu saio".

Aí eu lembro até hoje que eu estava muito nervosa, porque era uma live transmitida, tipo, no YouTube e no Facebook, não sei o que, e eu passei o dia inteiro estudando. Eu já tinha estudado o assunto; foi "robôs sexuais", e eu já tinha estudado aquilo, tipo, a rodo, só que eu não tava me sentindo pronta para falar para a internet. Eu não sei o que aconteceu. E, aí,

a gente fez a live, deu tudo certo. E, aí, veio, foi o primeiro ataque assim que a gente... que eu recebi, né, com a minha imagem. Os comentários, tipo, dá para acessar, é, são muito bizarros, assim, eu falei "cara, como lidar com isso?", porque até então, no ativismo presencial, assim, eles vão chegar, eles não chegam xingando, né, eles não chegam, né, tipo, falando coisas horríveis sobre você, tipo, xingamento misógino e tal. E aqui na internet foi o primeiro ataque que eu sofri, que eu falei "nossa". Mas agora, né, tem a questão da saúde mental, aí foi quando entrou isso aí, quando eu abri, aí eu saí da página, eu falei "não quero mais trabalhar disso". Os homens são muito violentos, quando a gente fala de pornografia e prostituição, e, então, eu acho que já colaborei com uma pesquisa, eu não sou obrigada a ficar tipo escutando os homens falar essa coisa.

Eu comecei a participar de vários outros ativismos virtual, assim, de live que faziam, de publicar texto, abrir o podcast que hoje não existe mais, porque eu resolvi ter meu trabalho só com mulheres, né, mas o podcast me dava uma segurança que era só a minha voz, ninguém sabia, tipo, quem eu era, então foi mais tranquilo. E aí passou um tempo, eu fiquei, eu dei aula na escola pública, ainda dou aula na escola pública, né. E comecei a sofrer muita perseguição, porque eu falava palavras esquerdistas demais, né, "nossa, mas como assim você tá falando de origem do patriarcado? Essa palavra é muito esquerdista", né. E eu falava "cara, que absurdo", tipo, né, não posso, o que que eu tenho que fazer agora? Eu falei "não faz sentido", eu querer falar de história desse jeito e as pessoas estão, tipo... tudo que eu falo não é o suficiente, tudo o que eu falo não é bom, comecei a sofrer muita perseguição dentro do estado. E, aí, teve o boom da pandemia, né, pegando assim esse contexto, sofri uma perseguição, tipo, durante anos, aí a gente se isolou, e eu falei "vou fazer a Historiadora Radical", não avisei ninguém, assim, eu falei "quero falar sobre mulher na ciência", isso mesmo, aí abri a Historiadora radical e sem avisar para ninguém.

Quando eu apareci fisicamente, gente, eu sou uma pessoa, não sou um robô. Eu acho que isso aproximou as mulheres mais de mim, de mostrar o meu lado, né, que eu sou humana, né, que eu pesquiso. E eu estava numa situação muito traumática por causa da perseguição que eu sofri como uma professora, então, abrir a Historiadora Radical foi meio que, tipo, uma libertação. De poder, cara, eu posso falar sobre as minhas pesquisas, sem que eu sofra esse rechaço, né, e de alguma forma de criar uma linguagem que se aproxime mais de mulheres, e não tenha homens lá na Historiadora Radical, que é só falar de mulheres, é só você falar só de mulheres, os homens eles já se distanciam, eles não querem saber.

E, aí, eu comecei a Historiadora Radical. Não achava que ia crescer tanto, tipo, de forma orgânica, assim. Eu falava quem é que gosta de história das mulheres da forma que eu falo, né, que é uma forma, tipo assim, desmistificando um monte de coisa, de falando, ainda, de estudando sobre o poder, sabe? Que são poucas vezes, porque o feminismo, ele tem um projeto de disputar o poder, né, e eu vou numa outra proposta, que é, tipo, de falar meu tudo. Vai ter o poder, todo mundo tem poder. Eu não quero saber disso, eu não quero

nenhum desses poderes. E eu falei “eu preciso colocar isso de uma forma”, então a justificativa que eu falo, né, que a página ela é de uma anarquista e de uma feminista, né, pra gente poder... que as pessoas entenderem a minha proposta, e, aí, comecei a trazer algumas. Lá no começo, né, eu não sabia o que estava fazendo direito, eu falava “gente, eu falo das minhas pesquisas”. Será que eu falo de coisas que eu já fiz, não, será que eu falo quem sou eu, não sabia o que fazer, até porque tipo muitas páginas feministas tem consultoria, né, tem como se organizar a indicação de livro.

Vou falar só de história de mulheres nas minhas pesquisas, né, não vou ficar falando aqui “gente, o meu lattes é esse”, até porque eu não quero que as pessoas saibam meu nome, né. Eu não quero que as pessoas achem que não pode fazer ciência independente, porque na América Latina a gente tem várias universidades de ciência independente que são formadas por mulheres, né, e que isso dá muito mais sucesso se a gente for parar para pensar. Os nossos trabalhos, enquanto mulheres que estudam lesbianidade e feminismo, são formados por pesquisa independente, a maioria das coisas, e também, né, e também é formado por memória, assim, do que a gente está narrando. Eu falei, né, isso que eu vou fazer, eu vou fazer essa forma, eu gosto muito do método de entrevista, de história oral, tipo, eu gosto muito, muito, porque eu acho que é um outro tipo de conexão, eu falo, eu gosto muito mais de falar do que escrever, né.

Eu não gosto muito de escrever, assim, eu escrevo por obrigação, e porque minhas amigas ficam lá “meu, tem que entregar tal coisa”, e falar “aé verdade”, ai, eu sento para escrever, só que não é muito o que eu gosto. E, aí, eu fui lá para a Historiadora, né. informar tudo o que eu fiz. Aí tem um boom muito grande, primeiro porque as outras coletivas sempre me apoiaram, porque dentro do feminismo a gente tem várias mulheres, né, que se dizem feministas, só que eu não sou feminista, sou uma historiadora, sabe, tipo, eu estou pesquisando de uma forma histórica, tudo o que a gente está fazendo, e eu sinto muito a falta, eu sentia muito essa falta, então eu falei “bom, vou mostrar que eu sou uma historiadora anarquista e feminista, né, e vou mostrar tudo isso”.

Aí, foi quando eu falei “agora foi mesmo”, aí todo mundo ficou, tipo, “nossa, agora é ela mesmo né”, e eu fui. E aí eu comecei a crescer, né, crescer no sentido de, tipo assim, de ter mulheres que conversavam comigo por conta de querer saber a história das mulheres. E eu corrigi, lá, quando eu abri, eu falei “gente, não estou falando de história das mulheres, estou falando de mulheres na história”, fiz essa mudança. Então, aí, todo mundo foi um choque, assim, que a primeira nota de repúdio para a Historiadora: “Como assim? como assim? Ela não estava falando de história das mulheres?”. Eu estava falando de mulheres na história. Eu fiquei matutando essa nota de repúdio, né, imprimi ela, li, eu falei “gente, mas eu achava que, para mim, isso era muito claro, de que eu estou falando de mulher, em contexto histórico da humanidade, não tirando as mulheres da história da humanidade, fazendo esse recorte da história das mulheres, não to mostrando que elas sempre tiveram

ali, se nós não tivesse, não tinha história". E aí é que as pessoas entenderam isso, aí, eu... aí, foi onde começou a surgir a ideia dos cursos.

Eu abri os cursos, aí, quando a primeira turma, né, que tinha 50 alunas, mais de 50 alunas, eu pensei "nossa, gente, que loucura". Não achei... eu achei que tinha, tipo, 5 alunas, né. Aí, foram 50 e poucas alunas. Eu falei "o que essas mulheres querem aqui comigo?". E, aí, eu pedi para todo mundo abrir a câmera, né. Eu falei "abram a câmera", e, aí, tinha uma, era..., foi muito louco, porque tinha gente que trabalhou comigo quando eu tinha, tipo 15 anos, tinha mulher que foi minha coordenadora, tipo, tinha muita mulher que eu nem sabia que me acompanhava, que nem sabia que acompanhava a Historiadora Radical. Tinha amigas minhas de anos, claro né, ainda bem que elas estavam lá, e aí, foi quando eu falei "gente, de fato, vocês estão aqui". Aí eu dei a primeira aula super bonitinha, nervosa, aí, foi quando recebi a enxurrada: "nossa, eu gostei muito da sua proposta", que não sei o que, não sei o que. Eu falei "agora elas podem me conhecer, eu acho", né. Então, a primeira turma que eu falo, elas me ajudaram a me humanizar muito para ser a pesquisadora que... que é a Historiadora Radical, né. Elas perceberem que ali tem uma mulher por trás, que ela está tentando ensinar, né, ou melhor está ensinando, porque ela é essa forma de ativismo que ela tá fazendo. Então, Historiadora é um projeto muito de extensão, né. Ela tem, lá, os seus conteúdos digitais, e que eu fico falando o tempo inteiro, às vezes as pessoas interpretam super okay, outras não, e tudo bem, eu acho que tem muito isso, né. E, aí, tem os cursos, que é um outro tipo de comunicação, que é onde elas conhecem a mesma Historiadora Radical, né, que elas vão me ver através da tela, elas podem perguntar e tem uns encontros online, né, que agora eu falo "gente, aqui, quando vocês me encontram pessoalmente, eu não sou a Historiadora Radical, eu sou a Gi, que também vai falar coisas de coisas que não está na Historiadora Radical", e é isso então. Eu consegui de fato humanizar, tipo, tudo que é a Historiadora Radical, é por isso que ela é um projeto muito falado, né, tipo, de boca a boca, porque... que não tenha muito o marketing da Historiadora Radical, o marketing aqui é uma mulher, que está fazendo um trabalho, que eu só trabalho com outras mulheres, e que as outras mulheres, né, fazem a fofoca que eu falo, vocês fazem a fofoca da Historiadora Radical, então, é... foi isso, mais ou menos, que aconteceu que me levou a isso, né, e eu tenho muito apoio também das páginas anarquistas que eu participo desde lá de trás.

Existiu muito essa força por conta do que eu faço na rua, né, de acordar às 6:00 da manhã numa manifestação, às vezes porque tem gente que foi presa na manifestação, porque, por infiltrados, né, podemos dizer assim. Então, tudo isso colabora com a minha formação, né, além da parte acadêmica, mas a parte de experiência também, que eu falo muito. Eu não comecei com a parte teórica, eu estava muito longe de começar, eu comecei agindo de alguma forma, tipo, do nada, quando eu vi, estava ocupando uma escola, sendo líder e dando entrevista para o Estadão. Como isso aconteceu, eu não sei, sabe? Mas eu estava lá. Então, é isso, eu acho que é muito interessante, que às vezes eu fico vendo a

minha evolução, né. Eu falei "gente, eu não mudei tanto da forma que eu me comporto, eu ainda acredito nas mesmas coisas que acreditava, tipo, 10 anos atrás". E é muito importante, porque eu sinto muito essa falta, é... nas mulheres, da gente ter um histórico do nosso ativismo, né, o que que a gente está fazendo? Tipo, a gente não ficou só ali: Simone de Beauvoir, agora eu sou feminista. É o que você fez antes, assim? Não é só o despertar da teoria.

Quando eu falo que, tipo... que a minha proposta, né, não é só ser a Historiadora Radical, mas é isso de estudar feminismo periférico, né, estudar as mulheres da periferia, eu falo disso, porque a gente tem outra experiência, é uma experiência que é exigido de você, de forma compulsória, e isso distancia muito também. Eu fiquei com muito medo de quando eu comecei a traçar a periferia, porque lá no começo da Historiadora, eu não falava quem era eu, não falava de onde eu vim, o que que eu fazia, do porquê que eu defendia tais coisas, e, aí, depois, eu fui sentindo a necessidade, de poder falar do porquê eu acredito em tais coisas, e porquê que eu faço. Aí, foi quando eu falei "vou falar de trabalho doméstico, né, na Historiadora". Entrevistei minha mãe. Aí, todo mundo falou "nossa, eu jamais... Eu achava que você era burguesa", eu falo "mas por quê? Por que eu sou burguesa?", "Não, porque você fala...". Nossa, as justificativas eram muito boas, né. Eu fiz uma caixinha: "É, porque você fala várias línguas, você tem vários livros", eu falei "gente, só porque... Não posso?", né? E, aí, eu falei "não, vou falar mais sobre isso", de me colocar, de reivindicar, o que a Audre Lorde fala, né, de que às vezes a gente olha a diferença, como algo que nos separa, e a gente tem que ressignificar essa diferença, que reivindicar essa diferença pode ensinar outras mulheres, né, sobre da sua experiência. Então, eu comecei a reivindicar essa diferença, do tipo, eu não sou essa mulher burguesa que vocês estão achando que eu sou, eu vim daqui (aponta para o chão), é por isso que eu tenho esse trabalho aqui, é por isso que eu estou aqui hoje.

Minha base são mulheres, então, né, porque eu sou mulher, então, a minha base vai ser sempre mulher, de sempre estudar mulheres. Só que a gente está ali lutando contra outras opressões de forma simultânea, e a gente precisa fazer isso porque a gente não vai... Se a gente não fizer isso, a gente não vai, né, de alguma forma, é... fazer o sistema balançar, e, então, essa foi uma das... dos primeiros pontos que eu expliquei, né, sobre a construção de subjetividade, do porquê eu não acredito que existem mulheres mais oprimidas que tal e tal e tal e tal. Existem materialidades diferentes, é a verdade, só que no sentido de que usar essa diferença para nos separar é uma coisa que eu queria romper muito, né, entre nós mulheres, e eu acho que os cursos foi a única forma de eu poder explicar isso para as mulheres, porque é uma coisa mais intimista, né, tipo, a gente está se olhando ali, a gente tá falando e lá na Historiadora Radical não tem esse processo, porque são 1000 pessoas que aparecem lá, e não tem como a gente ter um trato mais sobre assuntos específicos. Então é, vem disso, né.

Na Historiadora Radical também, bem desse ponto, a única entrevista que eu tenho na página é com minha mãe, né, que é ela falando sobre trabalho, sobre ser explorada, que ela falou sobre o trabalho. Mas eu, porque eu faço muita pesquisa com outras mulheres, a proposta de resgatar a memória e de fazer registro histórico, né, documentar, eu acho que é o que a gente tem que fazer sempre, porque a gente não vai ter outras pessoas fazendo isso pela gente, de ter registros de memória e da... e das nossas ações. Tanto que muita coisa se perde, né, das mulheres na história, porque a gente não tinha intelectuais que tinham... que tavam fazendo esse serviço de registrar, né. E quando tem um pouquinho registrado é ainda distorcido, né, justamente por conta das forças, né, dos sistemas opressores, enfim, de exploração. Então, esse trabalho que a gente faz enquanto historiadora que pesquisa mulheres e que documenta.

E, aí, é engraçado. E esse projeto da Historiadora, porque existem pouquíssimos, eu achava que não ia dar certo. E lá tem muita historiadora, né. Eu ficava "gente..." na universidade, eu sentia muita falta de ter historiadoras e no movimento feminista, de quando eu comecei a participar, que pudessem trocar comigo, né, que, tipo assim, "gente, eu li esse texto aqui sobre história e memória na visão Jean Jaques Le Goff". O feminismo não vai entender o que eu estou querendo dizer, as mulheres ali, porque às vezes são coisas muito específicas, né, que dá para a gente colocar na perspectiva feminista, mas eu sentia muito essa falta de ter outras historiadoras.

Aí, quando abri a Historiadora, eu vi que tinha várias historiadoras que tem essa proposta, mas acho que eu falei "gente, que loucura, né". A história, ela é conservadora, né, ela é muito conservadora, as pessoas que estão ali, até mesmo os marxistas homens, né, que começam... aí, eles do nada viram conservadores, assim, no momento que eu falo "gente, que que aconteceu?". É, então eu ficava muito preocupada com isso, e algumas pessoas, né, tipo historiadores. Eles falam que eu não estou fazendo história, existe essa discussão dentro da academia, né, mas é mais "Ou, Historiadora Radical, você não está fazendo história, isso não é história". Eu falei "mas que que é história para vocês aí?". Também tem essa disputa de poder, né, entre quem está fazendo história, quem é o melhor historiador, a melhor historiadora, e até mesmo porque a história ela é muito ligada com pesquisa acadêmica, o tempo inteiro, né, do tipo, você está ali produzindo para academia, produzindo e produzindo, produzindo...produzindo, e quando a gente sai desses espaços e faz uma ciência autônoma, para e não está produzindo para academia, primeiro que a academia não gosta disso, né, as pessoas que têm esse anseio pelo título acadêmico, né, eles rejeitam também a forma que a gente tá fazendo.

Entrevistadora: Como é a questão da lesbianidade?

Historiadora Radical: Eu sempre usei a teoria lésbica, só que, tipo, eu tava lá existindo, né, e

falava “nossa, gente, mas eu sou bissexual, não faz nenhum sentido”, aí todo mundo “mas você prioriza mulheres, não faz sentido?”, eu falava “gente, calma, vamos com calma”. Era uma questão que era muito, ainda... que não era muito maturado em mim, e eu tenho muito o meu tempo de pesquisar as coisas, né, porque eu falo “vai chegar um momento que eu vou estudar sobre isso, mas ‘calma aí’ deixa primeiro eu resolver isso aqui”. E porque existe essa cobrança, né, de você ser uma ativista e uma feminista 100%, é alguma coisa, né, e essa pressão, não gosto de receber pressão, e é justamente, por conta do anarquismo, né, e vira uma discussão autoritária sobre a construção da sua subjetividade. E eu falava “eu não aceito esse tipo de coisa”, e eu me afastei das teorias lesbofeministas, por conta dessa pressão que tinha sobre isso. Aí, quando eu comecei a estudar de fato, lá em alguns anos atrás, aí eu comecei a conversar com minhas amigas, né, gente de verdade, né, aquele tanto de mulher que estava falando, lá, que eu era lésbica, elas estavam certas, mas, tipo assim, não faz muito sentido eu falar disso aqui, né. E, aí, todo mundo fala “é. agora elas estão certas”, e agora vou mandar um e-mail para elas, que eu não tenho mais contato, “gente, vocês estavam certas, era isso que vocês queriam?”. Aí, eu falei assim “não, mas eu vou continuar estudando”, e eu falava “gente, realmente faz muito sentido”, só que eu tinha me afastado muito do movimento lésbico daqui de São Paulo, justamente por conta disso, e eu sofria muito rechaço, né, de não me posicionar com a mulher lésbica; Isso era uma coisa que cobravam muito a Historiadora Radical, muito, muito, muito, muito mesmo. Eu falava “gente, mas tipo qual necessidade de agora, assim, eu ter que falar, né, que eu sou uma mulher lésbica? E mostrar que eu tenho um relacionamento lésbico? Sendo que eu nem tenho um relacionamento lésbico com outra mulher, sabe?”. Aí eu questionei, né, eu acho que fiz um *story* que deu também o que falar. Eu falo, vocês querem saber de fato se é porque eu não me posiciono politicamente como mulher lésbica? Ou por que a sexualidade da mulher é uma discussão pública? E, aí, isso deu uma amenizada assim, né, deu uma amenizada muito na pressão.

Entrevistadora: Qual o contexto de criação do LAF (lésbicas antifascistas)?

Historiadora Radical: Quando foi ano passado... Ai, eu abri quando? Em 2019, eu fiz um perfil lésbicas antifascistas, no Instagram, só que ele tava lá parado, não tinha nada, só era um perfil, e eu não queria perder o nome, porque eu tinha várias ideias. E, aí, quando foi ano passado, estava conversando com uma amiga, eu li, já tinha lido tudo sobre teoria lésbica, eu tava super feliz, eu falava “gente, precisa falar, preciso falar, agora eu posso falar que eu sou lésbica, mesmo”. Eu falei “nossa, eu tenho um perfil” e mandei o print para ela (a amiga), aí ela parou assim, né, e falou “nossa, eu vou fazer uma logo”, aí eu falei “mas para que?”. Aí ela fez a logo, aí eu falei “caraca, agora eu vou ter que mexer na laf, né”. E, aí, a gente criou assim. Aí deu um *boom*, né, eu não sei o que aconteceu, acho que eu publiquei

na Historiadora e falei “é sobre a LAF”. Aí deu um *boom*, né, tipo, de eu acho que a gente tem 3 meses, 4 meses de coisas lá no perfil, sei lá. Aí eu falei “mas aqui eu quero só intelectuais lésbicas, que falam sobre lesbianidade, sobre mulheres lésbicas diferentes da Historiadora, que eu falo de história, aqui eu quero falar, de fato, de obras de mulheres, de mulheres lésbicas, tipo vamos falar de Audre Lorde, vamos falar de Adrienne Rich”. A primeira mulher que a gente estudou foi a Rich, lá, né. Aí eu falei “agora eu quero ver se vocês vão...”, falava brincando “vocês não ficavam me cobrando um posicionamento sobre ser uma mulher lésbica?”. Aí, a gente estudou a Adrienne Rich, e muitas mulheres, e foi muito engraçado, assim, eu mostrei o meu processo humanizante no processo da militância, porque quando a gente está na militância, a gente acha que, tipo assim, a gente lê um texto: boom, é isso, né? Eu sou isso aqui. Não! Quando eu estudo trabalho, eu fico, tipo, “caraca, eu preciso conversar com alguém sobre esse negócio aqui de trabalho doméstico”. E, aí, quando eu estudava lesbianidade, eu não tinha... Era um processo de “eu preciso conversar com alguém, até de fato entender, ver se eu entendi isso mesmo”. E, aí, eu mostrei isso, tanto na Historiadora. Eu mostro na Historiadora que existe um processo de pensamento, tanto que os storys são sempre compartilhando a construção dos pensamentos, né, do que eu faço sobre os posts, enfim, e lá na LAF, eu falei “gente, eu vou estudar Rich, porque ela foi a mulher que eu acho que casa com esse momento de... do... de mostrar como o processo é de descobrir na militância, assim, né... assim na mulher lésbica”. É muito louco, é muito diferente, e eu tinha vontade de gritar, de falar gente eu sou lésbica, mas não, vamos com calma.

E, aí, eu abri a aula, né, foi muito engraçada e tinha várias mulheres que não eram lésbicas, que estavam nessa turma da LAF, e que agora elas se entendem como lésbica. É muito engraçado o grupo da historiadora, eu morro de rir porque é um grupo de verdade, onde as mulheres se humanizam dentro da militância. E, aí, a gente falou sobre a heterossexualidade compulsória sim, e aí a gente estudou a Rich, e aí muitas mulheres, né, que já tinham feito com os cursos da Historiadora estão lá, claro. Outras não, tem mulheres que só são lesbofeminista, que não estão na Historiadora. E aí a gente, começou a estudar, e aí eu abri a aula, né, falando da heterossexualidade compulsória ser uma mentira e a verdade é a existência lésbica. Aí todo mundo ficou assim: “que ela ta falando?”, né? Aí eu falei “gente, calma, vou explicar o texto”. E, aí, a gente explicou o texto, a gente estudou, foi tudo muito bom, e, aí, as mulheres falaram que nunca tinham estudado, porque a teoria lesbofeminista, né, ela é muito independente também, e tem poucas traduções, tipo a Sheila Jeffreys, né, é, isso, existem poucas traduções sobre tudo isso. E eu falava “gente vamos fazer isso direito, né, vamos estudar os fatos, vamos entender o contexto histórico”. Porque, aí que tá, muitas obras, elas são tiradas do contexto histórico, né, quando a Lorde, é aquele livro lá, que foi o último que a gente estudou, Irmã Outsider, e são vários ensaios, várias conferências dela, e a gente vai olhar a data, a gente não entende porque que ela escreveu

aquilo, naquele tempo histórico. A gente falar “só escreveu isso daí”, né, mas se você fala “nossa mas, não, aqui, tipo, em 1970, estava acontecendo isso, e isso, é por isso que a Lorde, está se sentindo assim”. Então, sente essa necessidade de você trazer o contexto histórico, né, das coisas e que só nós é possível de fazer isso, primeiro porque eu acho que quando você é pesquisadora de mulheres, você tem a sensibilidade de você, de fato, prestar atenção nas palavras que estão sendo colocadas ali, e do porquê que fulano de tal escolheu tal palavra, porque que a Lorde não se diz, ela não fala, né, a palavra capitalismo, porque ela nunca mencionou a palavra capitalismo? Sabe?

Então eu acho que é isso, a gente como pesquisadora, a gente vai sendo, porque a gente também está se investigando, diferente de um homem pesquisador. O homem pesquisador, ele ainda reproduz aquela ideia de pesquisador, né, observador. A gente não, a gente estaria sempre se trocando, né, mudando esses componentes o tempo inteiro. Então foi isso, mostrar esse processo de humanização da pesquisa, e também se permitir falar “não sei, gente”. Nas aulas, né, “ai, Gi, isso, isso e isso”, eu falo “gente, não sei. Eu vou ter que pesquisar. Não lembro. É, não sei pronunciar esse nome, ou tipo, não sei o que que ela tá falando aqui, é, não sei o que é a maternidade nesse sentido”, sabe? Porque é um processo constante, né, você estar no ciberativismo ou você ser professor, é um estudo que nunca vai ter fim, você sempre vai ser estudiosa, você sempre vai estar estudando, ou você sempre vai estar ali tentando de alguma forma ser mais informadas para poder conectar conhecimentos, né. Então, eu falo para elas, a melhor forma de promover a libertação de vocês mesmas, né, das alunas, enfim, de novas mulheres, é a gente nunca parar de estudar. Também por isso a gente fala de estudar, a gente nem atualiza nossas teorias, né. Então, muitas vezes, eu falo, a gente se volta lá para os anos 80 e 90 das teorias e tal, maravilhoso, só que, tipo, manda um e-mail para a Sheila Jeffreys, sabe? E ela responde! Tipo, ó isso que você escreveu ainda é válido? Porque a gente muda o tempo inteiro, e, é isso, né, tipo da questão da Sheila Jeffreys, é muito louco, porque ela é uma mulher que eu pesquiso muito, e, do nada, eu vou tá na mesma organização. E, aí, a gente vai ter um livro, né, vai ter. É, vai ter um livro que vai sair tipo organizado pelas palestrantes da WDI, e eu falo “gente, que loucura, né?”. E, assim, né, a Jeffreys fala que a nova geração, né, é uma atualização do que ela estava fazendo, porque ela é uma mulher de 72 anos, ou seja, significa que a gente sempre vai ter que estar estudando, pra gente não ser pega pela heterosseuxalidade compulsória, né, por todos esses temas compulsórios. Então, eu acho que, no final de tudo, assim, tipo, do resumo de todo esse projeto, né, é a gente mostrar o processo humanizante das pesquisadoras, né, de que, às vezes, você está super ali, entendendo super sobre feminismo, e não sei o que, mas que eu tinha uma demanda que eu... Que não era confortável para mim, que era tipo lesbianidade, sabe? De entender de fato ele, e por quê? Porque existe a heterossexualidade compulsória por trás disso.

Sabe, nós também somos vítimas de muita coisa, é a mesma coisa que a gente falar

"ah, mais então uma feminista não pode sofrer violência doméstica, né? Porque ela é feminista, sabe?". Não! Ela pode sofrer, isso não depende delas, depende muito do sistema que ela está inserida. Então eu mostrei isso para as mulheres, da questão de se livrar, né, da culpa cristã, porque eu falei que eu não sou cristã, vocês não vão esperar que, tipo, que eu fale desculpa para vocês, ou que eu fale "ai, não sei o que". Não, não vou trabalhar com isso, eu não vou ficar maternando vocês, sabe? Então, esse processo de... delas se livrarem, delas poderem se comunicar, ajudou muito, né. E, aí, vem a parte da comunicação, que eu acho que é... É o ponto de tudo, de eu trazer para a Historiadora a construção do meu pensamento, eu nunca, raras vezes, eu faço uma postagem que eu não vou nos stories, explique como que eu cheguei naquilo, é muito difícil, porque eu não quero que elas achem que simplesmente nasceu um assunto na internet, né, e, desse assunto da internet, eu resolvi dar minha opinião, né, a minha opinião que está ali sabe, tem um estudo.

Entrevistadora: Você poderia falar o que é esse público para você? O que é Historiadora Radical no público? O que você entende por público quando você fala "o público"?

Historiadora Radical: Uma boa pergunta, né, é meio louco, porque eu falei, agora né, as pessoas não referenciam a Historiadora Radical, eu percebi. Só que eu falo, o público para mim são as pessoas que estão usando a Historiadora Radical nos seus projetos, tipo, nas suas fontes, que vão, tipo, a sei lá, tem um assunto x, por exemplo, e sabe que na Historiadora Radical vai ter isso, né, ou ela pode me ajudar. Então, acho que o público seria outras pessoas e essas outras pessoas, né, são mulheres, só que eu não consigo ter uma perspectiva de quem são as mulheres, porque são mulheres muito diversas, tipo, muito diversas, que buscam a Historiadora Radical. Então, fica muito difícil para mim definir quem é esse público, de verdade, só que de uma forma mais geral, assim, é..., eu acho que são mulheres que estão atrás da proposta, né, de libertação, buscando conhecer e obter conhecimento e que na Historiadora Radical elas vão ter esse conhecimento. Existe uma piada entre outras mulheres mais velhas, né, que elas não entendem muito de vertente feminista, elas falam "eu sou da vertente Historiadora Radical", porque ali elas conseguem dizer que é tudo muito mais sintético, né, a questão das sínteses, que estão ali em alguns assuntos, que elas não conseguem acompanhar em outros perfis, e isso é uma coisa que eu busquei muito fazer na Historiadora Radical, ela não é um ambiente de ficar lendo, lendo, lendo, lendo, lendo. Ela é, eu acho que ela é um ambiente, ali na, pelo menos, a página, de você ter explorações de pensamentos, assim, de resumos, de síntese, de algumas coisas, e que depois você vai buscar, né. Eu não estou ali pra, tipo, ser um PDF. Eu falo "gente, eu não sou um PDF, aqui na Historiadora Radical, eu tenho alguns assuntos que eu retirei desses PDFs para vocês buscarem os PDF de vocês". É quem está ali, também, né, de alguma forma compartilhando, citando, às vezes, eu entro na *hashtag* da Historiadora Radical e, aí, eu vejo,

né, pessoas que compartilham a Historiadora Radical porque não existia essa *hashtag* no *Instagram*. E, aí, eu vejo que tem outros perfis muito aleatórios que seguem a Historiadora Radical, não sei porque tem muita psicóloga que gosta de ser da Historiadora Radical, tem muito pessoal do TI.

Então, eu não sei quem é o público. Eu conto muito com a experiência das outras pessoas, então, esse público pra mim, tipo, agora, não só o que eu sou para o público, mas o que é o público pra mim. É de poderem se sentir à vontade para compartilhar a experiência delas. Então, do nada uma seguidora falou "oi, você tem o PDF tipo de tal tal tal coisa", do nada, "porque eu estou fazendo uma pesquisa sobre tal coisa". Eu falo "oi, eu posso ler a sua pesquisa?" e, do nada, eu tô virando amiga da pessoa. Então, eu acho que é isso, de... de quebrar essa barreira com esse público. Pode ser eu também, às vezes, pode ser, não sei sabe? Pode ser muita coisa. Eu sentia muita falta de mulheres que eu seguia e lia o blog e não me retornavam, tipo, mandar e-mail e elas me ignorarem total. Assim, e é um sentimento muito ruim quando você, pesquisadora, né, e, aí, quando eu vejo outras mulheres que estão começando a pesquisar e elas, tipo, tem a Historiadora Radical como referência, eu falo "não, eu não posso deixar essas mulheres, tipo, na mão". Então, esse público, eu acho que é, de forma, assim, são mulheres que estão formando o conhecimento e que tem a Historiadora Radical aí na sua bibliografia, se vão mencionar ou não, eu não sei, né, mas eu acho que é isso.

Recebido em 27/04/2022
Aceito em 25/07/2022